

# Caipira, no bom sentido

FHC  
JORNAL DA TARDE

Moacir Werneck de Castro

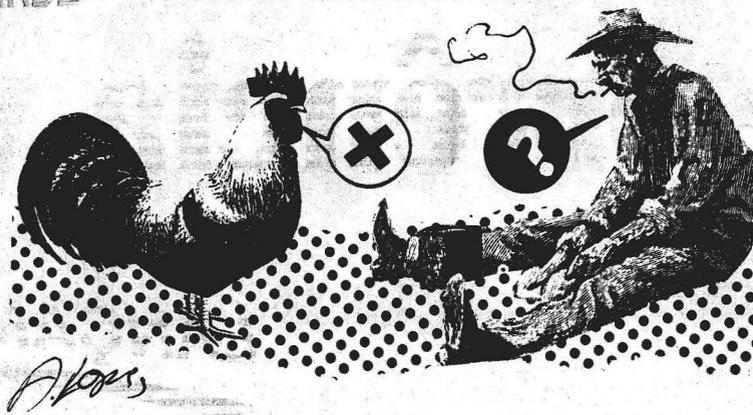
23 JUL 1996

Ciúmes da tevê ou simples fastio? Não sei, mas o fato é que os jornais, mesmo as colunas especializadas, fizeram um estranho silêncio sobre a entrevista de Fernando Henrique Cardoso que marcou a *rentrée* de Roberto d'Ávila, na Bandeirantes. Afinal se tratava de um longo diálogo com o presidente da República, que sempre é assunto, contra ou a favor.

E mais, o programa chamava atenção pelo currículo de Roberto d'Ávila, entrevistador charmoso e competente de tantas figuras de relevo na política, nas artes, letras e ciências. A conversa com o sociólogo Fernando Henrique em Paris, anos atrás, fez um contraponto atraente com a de agora.

Quem mais teria razão para ficar enciumado, deu mostra de um raro *fair play*. Pois não é que Leonel Brizola achou excelente a idéia de seu fiel amigo voltar à televisão entrevistando o homem no poder? Depois de ver o programa, o velho líder opinou que FHC não tinha se saído mal, mas que Roberto "estava melhor".

As imagens da entrevista anterior foram aproveitadas com habilidade pelo atual presidente para se gabar de coerência com suas idéias de ontem. Roberto d'Ávila me diz que não houve truque ou proteção na escolha do que seria retransmitido do papo parisiense, só ficando de fora o que perdeu o interesse por envelhecimento.



O BRASILEIRO SEMPRE ACOMPANHOU  
E SOUBE INTERPRETAR MUITO BEM O  
QUE HAVIA DE REALMENTE NOVO  
NAS IDÉIAS VINDAS DO MUNDO EXTERIOR

É verdade que FHC demonstrou contentamento consigo mesmo, como de costume. E que falou com desdém, como sempre, dos críticos mal-intencionados (a seu ver, sempre o são). Mas surpreendeu quando, ao ser interrogado sobre o que achava do mais duro e ferino dos seus críticos, o Veríssimo, não teve dúvida em rasgar elogios. Veríssimo, se bem me lembro, foi quem invocou a necessidade de um teste de ADN para saber se não estamos diante de um mistificador que se diz Fernando Henrique Cardoso.

O tom de franqueza, entretanto, não convenceu no capítulo da coerência. A propósito, alguém, na sala onde acompanhávamos o programa, resumiu:

"Ele trocou de gurus, substituiu Marx e Weber por Roberto Campos e Paulo Francis." Isso foi quando o presidente tocou de novo no assunto que todos comentam nestes dias, aquela história de que o brasileiro é caipira. De fato, a tese foi patenteada por esses dois autores contemporâneos, que popularizaram qualificativos como jeca, mocorongo e outros que tais para definir a índole do nosso povo.

"Eu também sou caipira", recomendou FHC na entrevista da Band, negando a intenção de ofender o brasileiro, a quem ele antes havia qualificado como incapaz de compreender a tendência moderna da globalização da economia, como fazem as pessoas inteligentes.

Na nova versão, saiu de cena o paspalhão atrasado e entrou em cena um novo personagem: o caipira idílico, que pita o cigarrinho de palha na porta da palhoça lá da roça, sonhando com a mestiça formosa de olhar azougado, banhado pelo luar do sertão e ouvindo no rádio de pilha as melodias da dupla Xitãozinho e Chorocho.

A emenda de FHC não saiu melhor que o soneto original. Faz lembrar a explicação cautelosa que Tobias Barreto deu ao assumir a condição de materialista, num tempo em que a palavra equivalia a um xingamento. "Materialista, sim, mas no bom sentido", dizia o sergipano, se apadrinhando com filósofos gregos. Caipira, no bom sentido, ecoa agora Fernando Henrique.

O que o nosso sociólogo parece esquecer é que o povo brasileiro, ao longo de sua história, sempre acompanhou e soube interpretar muito bem o que havia de realmente novo nas idéias vindas do mundo exterior. Isso, pelo menos, desde que um caipira chamado Tiradentes sonhava com a emancipação do Brasil, inspirado pela Declaração de Independência dos Estados Unidos, e desde quando uns caboclos patriotas lutavam pela liberdade sob a influência das "abomináveis idéias francesas".

Moacir Werneck de Castro  
é jornalista e  
escritor